

## O DESPERTAR DE UMA PESQUISADORA NARRATIVA: O ENCONTRO DO FENÔMENO E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

## THE AWAKENING OF A NARRATIVE RESEARCHER: THE ENCOUNTER OF THE PHENOMENON AND THE CONSTRUCTION OF IDENTITY

## EL DESPERTAR DE UNA INVESTIGADORA NARRATIVA: EL ENCUENTRO DEL FENÓMENO Y LA CONSTRUCCIÓN DE LA IDENTIDAD

Keli Pascoali Avila<sup>1</sup>  
Aline Machado Dorneles<sup>2</sup>

### Resumo

O presente artigo amparado pela metodologia da pesquisa narrativa em Clandinin e Connelly (2011), e nos estudos relacionado a formação na abordagem (auto) biográfica em Bragança (2011) busca através das experiências de vida e das experiências narrativas profissionais documentar o processo do despertar de uma pesquisadora narrativa na abordagem (auto) biográfica. O texto propõe a questão de estar aberta a viver experiências e por elas constituir e moldar a nossa identidade cultural, a partir das lembranças espalhadas pelo tempo, nas dimensões do presente, passado e futuro, no sentido de demonstrar como nos constituímos historicamente, entendendo este ato de se constituir interligado ao ato de formar-se, tornar-se algo desejado a partir da influência cultural e das experiências vividas.

**Palavras - Chave:** investigação narrativa; experiência; identidade cultural.

### Abstract

This article, supported by the methodology of narrative research Clandinin, Connelly (2011) and studies related to training in the (auto)biographical approach Bragança (2011) seeks to document the process of awakening of a narrative researcher in the (auto)biographical approach through life experiences and professional narrative experiences. The text proposes the question of being open to living experiences and through them constituting and shaping our cultural identity, based on memories spread over time, in the dimensions of the present, past and future, in order to demonstrate how we constitute ourselves historically, understanding this act of constituting oneself as interconnected with the act of forming oneself, becoming something desired from cultural influence and lived experiences.

**Keywords:** narrative research; experience; cultural identity.

### Resumen

Este artículo, apoyado en la metodología de la investigación narrativa en Clandinin, Connelly (2011), y en estudios relacionados con la formación en el enfoque (auto)biográfico en Bragança (2011) busca, a través de las experiencias de vida y de las experiencias narrativas profesionales, documentar el proceso de despertar de una investigadora narrativa en el enfoque (auto)biográfico. El texto propone la cuestión de estar abiertos a las experiencias vividas y a través de ellas constituir y dar forma a

nuestra identidad cultural, a partir de memorias difundidas a través del tiempo, en las dimensiones del presente, pasado y futuro, para demostrar cómo nos constituimos históricamente, entendiendo este acto de constituirse como interconectado con el acto de formarse, devenir algo deseado a partir de la influencia cultural y las experiencias vividas.

**Palabras clave:** investigación narrativa; experiencia; identidad cultural.

### **O processo de constituição da identidade e a pesquisa narrativa: reflexões iniciais**

“O contar sobre nós mesmos, o encontro de nós mesmos no passado por meio da pesquisa deixa claro que, como pesquisadores, nós, também, somos parte da atividade. Nós colaboramos para construir o mundo que nos encontramos. [...]Somos cúmplices do mundo que estudamos. Para estar nesse mundo, precisamos nos refazer, assim como oferecer à pesquisa compreensões que podem levar a um mundo melhor.”

(Clandinin e Connelly, 2011, p. 97)

O presente texto orientado pela metodologia da pesquisa narrativa de Clandinin e Connelly (2011), se compromete a narrar o processo de despertar de uma pesquisadora narrativa, propondo um olhar tridimensional que envolve o seu presente, passado e futuro, abarcando durante o caminho a constituição da sua identidade a partir de Hall (2015) e o encontro com o fenômeno da pesquisa. O trabalho também busca a partir dos estudos relacionados à formação na abordagem (auto) biográfica de Bragança (2011), documentar através das experiências narrativas a trajetória da pesquisa de doutorado que está em andamento, demonstrando a necessidade de estar aberta a viver experiências e por elas constituir a sua identidade, a sua jornada acadêmica- profissional, de vida e para a vida.

Desde que conheci a pesquisa narrativa tenho pensado muito na vida, a vida e seus caminhos. Como chegamos até lugares que antes não conhecíamos? Como poderia imaginar chegar até aqui e produzir uma narrativa da minha história, minha trajetória profissional e dos caminhos que me perpassam e me foram perpassados? Nunca até este exato momento poderia imaginar que chegaria até este lugar. Também não poderia imaginar que ele foi arquitetado e organizado por mim e pelos outros que me acompanharam e me acompanham neste momento. Como poderia pensar em algo tão especial, construído tijolo por tijolo através das minhas experiências? Estou construindo um lugar perfeito, um lugar o qual eu não imaginava que poderia construir. Mas que está aqui, existe! E é palpável. Este lugar é a minha identidade. Quem eu sou, meu lugar seguro para habitar! Minha vida!

Dizem que a vida é uma jornada, muitos identificam como caminho a seguir, mas penso que este caminho só terá sentido se soubermos identificar e ressignificar nossas experiências, nossas atitudes e nossas formas de pensar e refletir sobre nós mesmos/as e a nossa trajetória. Quem queremos ser hoje? Quem desejamos ser amanhã? Essas indagações me servem para afirmar que sou construída dia após dia e nesse processo de colocar tijolo por tijolo vou construindo minha própria identidade, minha história narrativa.

Para Stuart Hall (2015) nossa identidade é criada a partir das interações e representações que experienciamos na sociedade a qual estamos inseridos, o teórico

alerta para o fato de não possuímos apenas uma identidade, mas várias, para o autor a identidade “sutura o sujeito a estrutura” (p.11), ou seja, ao mundo cultural/social o qual ele/a vivencia. Ainda de acordo com o autor, “projetamos a ‘nós mesmos’, nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os parte de nós” (p.11). Para o autor esse é um processo contínuo, o qual “contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural”. (p.11). Assim, construímos e reconstruímos a nós mesmos/as, a nossa identidade, a partir da importância que damos a este ou estes lugares que ocupamos.

Nessa construção/reconstrução vou aprendendo a partir de experiências outras (Ribeiro, 2019), experiências que me possibilitam viver algo novo, algo que antes não fazia parte da minha rotina, mas que agora entendo que, pensar deste modo me propicia aprender, entender e até mesmo sentir o outro de modo que posso compreendê-lo/la e aceitá-lo/la, e isso me enche de euforia, pois toda vez que me abro a entender este outro, abro a possibilidade de entender a mim mesma, abro uma janela para além da minha realidade. De acordo com Hall (2015) “[...] a identidade muda de acordo com a forma como a pessoa é interpelada, representada” (p.16). Ele também menciona que “[...] a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida” (p.16). Assim, passamos grande parte da nossa vida mudando a nossa identidade a partir das experiências que vivenciamos.

De acordo com Clandinin e Connelly (2011) “[...] Como pesquisadores, confrontamo- nos no passado, no presente e no futuro. [...] contamos histórias lembradas de nós mesmos, sobre épocas antigas, assim como histórias atuais.[...]Essas histórias fornecem roteiros[...]para nossos futuros”(p.91). Abrindo janelas para a nossa imaginação, para o novo, criamos e abrimos janelas no tempo, para um espaço tridimensional onde podemos estar aqui e também lá, revisitando nossas experiências, nosso presente, passado e prospectando o futuro, enxergando o outro e a nós mesmos/as, alicerçando as bases da nossa morada- nossa identidade.

Para Clandinin e Connelly (2011) a metáfora do espaço tridimensional foi criada para que os/as pesquisadores/as narrativos/as encontrassem “um conjunto de termos que os/as indicava retrospectiva, prospectivamente, introspectiva e extrospectivamente”(p. 89), a localização das narrativas. “Víamos essas dimensões como direções ou avenidas a serem trilhadas em uma pesquisa narrativa”(p. 89). O espaço tridimensional favorece um caminho no campo narrativo por orientar os movimentos do/a pesquisador/a narrativo/a ao fenômeno investigado, e por resgatar suas experiências de vida durante o processo.

A ideia das dimensões tridimensionais permite que o/a pesquisador/a possa trilhar entre o passado, presente e futuro, no momento em que é possível vivenciar uma experiência atual olhando para ela de forma retrospectiva, buscando na memória experiências passadas, ou introspectivamente, buscando no seu interior algo que faça sentido para o que está sendo vivido e aprendido, e até mesmo prospectivamente, antecipando o entendimento, enxergando, sentindo além da experiência que está sendo vivida naquele momento, enxergando a experiência de modo extrospectivo, analisando o vivido no interior do contexto social.

O espaço tridimensional permite que o/a pesquisador/a narrativo/a seja constituído/a por experiências e que elas sejam acessadas a todo o momento, sendo capaz de mudar ou aprimorar conceitos, construindo e reconstruindo sua identidade. Desse modo, a pesquisa narrativa atua de forma relacional entre a experiência vivenciada neste

momento, a experiência passada e a experiência projetada. A pesquisa narrativa flui como as águas de um oceano que estão sempre em movimento, mas ao mesmo tempo que ela é fluida, sua base é alicerçada pela estrutura da experiência vivida, seus pilares não são rígidos, são flexíveis e flutuam sobre as águas do mar do conhecimento.

### **Narrativa da trajetória inicial e a construção da identidade**

“Acreditamos que as histórias ilustram a importância de aprender e pensar de forma narrativa quando se desenham os problemas de pesquisa...”

(Clandinin e Connelly, 2011, p.17)

Recordo que quando comecei minha atuação profissional na Pró- Reitoria de Assuntos Estudantis- PRAE da Universidade Federal do Rio Grande FURG no ano de 2017, trazia comigo experiências de estudante relacionadas a Graduação e ao Mestrado<sup>3</sup>em Educação que havia cursado. Carregava comigo a vontade de servir dentro da área a qual prestei concurso e o desejo de fazer mais e melhor. Nas interações de trabalho com uma colega, percebi que é preciso ter um olhar apurado e enxergar para além do que é visto, (enxergar-sentindo) o outro. Enxergar o ser humano como um todo, não apenas seu desempenho, desafios ou dificuldades acadêmicas de forma fragmentada, mas de um modo mais humano.

Fui construindo minha identidade profissional, a partir de experiências em que atuei ao lado de colegas, assistentes sociais, psicólogos/as, professores/as, técnicos/as em assuntos educacionais, etc. Assim, formada de experiências de atuação profissional, como servidora e não mais como estudante de mestrado, eu enxergava mais um lado da educação, o lado de quem atua dentro dela, de quem ajuda a fazer a engrenagem funcionar.

Ao longo desses oito anos tive muitas experiências, muitas dúvidas e muitos questionamentos sobre o funcionamento de uma instituição de ensino superior e procurei colaborar com a sua excelência a cada passo dado. Nesse processo de caminhar, percebi que precisava me atualizar, ler, ter tempo para refletir e estudar sobre o trabalho que eu desenvolvo. Atuando no Apoio e Acompanhamento Pedagógico de estudantes Indígenas, Quilombolas e seus bolsistas, realizando atendimentos pedagógicos e formações pedagógicas, identifiquei a pertinência da pesquisa enquanto uma forma de rever minhas ações e aprimorar meu trabalho.

Nesse viés de busca pelo aprendizado me matriculei na disciplina de Pesquisa Narrativa, do Programa de Pós Graduação em Educação em Ciências da Universidade Federal do Rio Grande- FURG. Confesso que desde o primeiro dia fiquei encantada com a sutileza na condução da aula. Tudo era muito leve e prazeroso, a linguagem, as dinâmicas, a forma de conduzir as discussões e o ar fresco que pairava na sala me dava uma sensação de paz e aconchego. Me senti tranquila naquele espaço, pensar a pesquisa narrativa não me gerava dificuldade naquele momento e eu refleti dizendo: é isso que eu quero! Quero pesquisar e entender sobre o meu trabalho de forma leve, quero viver e compartilhar experiências a partir de outro olhar metodológico. Um olhar o qual eu não conhecia, mas que fiquei fascinada desde o primeiro contato.

A partir da experiência com a disciplina da pesquisa narrativa, ingressei no Doutorado em Educação em Ciências da FURG e tive a felicidade de encontrar novamente a professora da disciplina de pesquisa narrativa, dessa vez como minha orientadora e estimuladora. Digo estimuladora, pois ela me fez perceber e entender o que eu queria compreender, me fez enxergar o que me faltava e porque eu estava ali, naquele curso de

doutorado com aquele projeto de pesquisa. Me guiou até o interior dos meus pensamentos e me proporcionou ouvir a minha voz interior que tanto gritava dizendo: “O saber ancestral não fala de pesquisa, tal qual fomos ensinados”(Ribeiro e Godoy, 2021, p. 07).

Encontrei na leitura de Godoy e Ribeiro (2021) as palavras certas para descrever a exata definição do sentimento que pulsava em meu coração, mas que eu ainda não sabia como expressar. Como me posicionar diante das metodologias “aceitas” culturalmente? Como dizer que elas não sustentam o que preciso narrar? Só consegui me posicionar depois de muito estudo e muitos textos de teóricos/as corajosos/as que vieram antes de mim e gritaram em forma de texto que as teorias quantitativas, por vezes reducionistas não lhe serviam e que eles/elas queriam escutar as pessoas e suas experiências.

Devo dizer que despertar não foi nada fácil. Antes, utilizava métodos reducionistas e mesmo querendo me deslocar deles, deste lugar ‘seguro’, onde as metodologias se parecem com receitas de bolo, eu não conseguia sair dali. Sentia que andava alguns passos, mas em seguida me sentia insegura e voltava para o mesmo lugar. Nesse processo de não conseguir me deslocar sem antes pensar se estava seguindo o caminho certo me deparei com diversas questões pessoais, profissionais e de pesquisa, posso dizer que a pesquisa narrativa me sacudiu de uma forma que desconstruiu tudo que eu tinha como certo, aceito e me direcionou em um caminho novo, um caminho onde só os destemidos ousam trilhar.

Alcançar a consciência sobre o cerne da minha pesquisa não foi fácil, eu confesso que sofri, e hoje percebo que foi importante sofrer, eu precisava me conhecer para não repetir apenas o que eu já sabia, eu precisava conhecer o novo, mas o novo, as vezes é intenso demais para quem decide continuar organizada em seus pensamentos. Sair dessa caixa organizada foi a pior e a melhor parte desse processo até aqui. Pois como mencionei no início do texto, enxergamos as coisas a partir de nossas experiências e eu nunca havia sido doutoranda, só tinha as experiências do Mestrado. E nessa época minha vida era outra, eu era uma outra pessoa, diferente da que sou hoje, então, até conseguir compreender esse processo de mudança sobre quem eu era e quem eu sou foi trabalhoso, solitário e contínuo, a pesquisa me exigiu isso, essa busca por conhecer quem sou, o que eu quero narrar e onde quero chegar.

### **O despertar da pesquisadora narrativa e o encontro com o fenômeno**

“Para nós, narrativa é o melhor modo de representar e entender a experiência. Experiência é o que estudamos, e estudamos a experiência de forma narrativa porque o pensamento é narrativo é uma forma-chave de experiência e um modo- chave de escrever e pensar sobre ela. Cabe dizer que o método narrativo é uma parte ou aspecto do fenômeno narrativo. Assim, dizemos que o método narrativo é o fenômeno e também o método das ciências sociais.”

(Clandinin e Connelly, 2011, p. 48)

Logo ao ingressar no programa de Pós- Graduação em Educação em Ciências PPGEF-FURG me aprofundi no campo metodológico da pesquisa narrativa, a qual me ajudou a compreender o movimento de investigar as minhas narrativas, minhas experiências, quem eu sou. Para Clandinin e Connelly (2015) “as narrativas introdutórias advindas do viver, contar, recontar e reviver de nossas experiências pessoais nos ajudam a nos reconhecer no campo e nos ajudam a compreender textos de pesquisa que escrevemos



acerca de nossa experiência num dado contexto.” (p. 84). Amparada pela metodologia da pesquisa narrativa, passei a escrever minha história em um caderno de campo, e entendi que a “pesquisa narrativa é um processo dinâmico de viver e contar histórias, e reviver e recontar histórias, não somente aquelas que os participantes contam, mas aquelas também dos pesquisadores.” (Clandinin e Connelly, 2011, p.18).

Confesso que não reconhecia minhas histórias como sendo histórias válidas para uma pesquisa, focava apenas nos/as participantes, me colocava apenas como um canal que possibilitaria a pesquisa, mas não, não sou apenas o meio pelo qual a pesquisa foi idealizada e organizada, eu sou o início, o meio e o fim, e minhas narrativas dariam um grande livro, talvez um daqueles de auto-ajuda, mas também de superação, de força, coragem e auto-cuidado.

Um lindo livro sobre o ser humano e suas subjetividades e complexidades, um livro de narrativas sobre a vida. E foi nessas idas e vindas, entre a escrita no caderno de campo e lembranças que comecei a compreender que posso fazer recortes das minhas experiências e narrar metaforicamente, posso usar a emoção e também a razão para mostrar quem sou, e foi nesse momento que percebi que não precisava me segurar a nenhuma metodologia formatada.

Compreendi que era possível viver a pesquisa. “viver as nossas pesquisas desse lugar e pensar com e a partir delas tem dado espaço a uma investigação viva, compartilhada na constelação de (des)aprendizagem, na comunidade-vida” (Godoy e Ribeiro, 2021, p.6). Percebi que posso me apresentar no trabalho, posso pensar e criar conceitos, posso criar uma pesquisa viva, posso ser eu mesma, eu e todos/as os/as outros/as que vieram antes e que virão depois de mim. Também aqueles/as que andaram comigo, porque não andamos sozinhos/as, mesmo que possamos acreditar em alguns momentos que estamos sós, nós não estamos, continuamos recebendo influências da cultura e do universo que habitamos. Estamos envolvidos com as pessoas.

No processo de composição de sentidos, entre o vivido e a pesquisa narrativa, comecei a me enxergar como uma investigadora narrativa e a (enxergar- sentindo) as pessoas, elas e suas complexidades, entendi o quanto é difícil trilhar novos caminhos, novos campos teóricos e para isso tive que me despir da ideia de construir uma tese embasada em muitos autores/as, os/as quais se repetem e dissertam sobre o mesmo fenômeno, apenas enumerando várias formas de destacar o mesmo objeto. Conforme Godoy e Ribeiro (2021) “Se as relações humanas são relações vivas, intensas, dialógicas, [...], como, em se tratando de investigá-las, também não reconhecer e praticar a pesquisa desde a pluralidade e a diversidade que o experimentar a vida demanda?” (p.6). Como não pensei em reconhecer a riqueza que uma narrativa contém? Essa e outras perguntas invadiram o meu ser. E eu decidi que não quero escrever mais do mesmo, eu quero sentir! Quero ouvir as pessoas.

Para isso, percebi que analisar a experiência era mais pertinente, do que realizar uma análise quantitativa focada em quantidade, tabelas, números, etc. Conclui que ouvir as pessoas e suas narrativas era a maneira certa de desenvolver a pesquisa. Dessa forma pensei: Quero ouvir as narrativas de quem vive/viveu a experiência! Nesse exato momento, aconteceu a minha virada de chave para a pesquisa narrativa. Foi nessa hora que me senti despertando! Enxergando de fato a pesquisa narrativa que estava sendo construída.

Recordo que quando decidi como iria conduzir a pesquisa, passei a lembrar constantemente das experiências de trabalho que tive com os/as colegas da Pró- reitoria de Assuntos Estudantis-PRAE, e da colega/amiga de trabalho que hoje não está mais

entre nós fisicamente, mas sei que espiritualmente ainda nos relacionamos, e nossas conversas estão guardadas em alguma janela do tempo, a qual eu acesso sempre que sinto saudade ou conforto, por saber que tudo que um dia conversamos, hoje eu estou realizando. Decidi lembrar desta colega/amiga de trabalho neste texto pois considero pertinente narrar de onde vêm os estímulos e as experiências que nos constituem. Também para lembrar que somos humanos/as, e a grande parte das experiências que vivemos acontece em conjunto, com as pessoas.

### **A Pesquisa Narrativa e a Formação na abordagem (auto)biográfica**

“Parte das dúvidas do Pesquisador Narrativo vem da compreensão de que eles precisam escrever sobre pessoas, lugares e coisas “em transformação” mais do que “estáticos”. A tarefa deles não é tanto dizer que pessoas, lugares e coisas são desta ou daquela maneira, mas que elas têm uma história narrativa e que estão avançando”.

(Clandinin e Connelly, 2011, p. 193).

A partir do momento que encontrei o fenômeno da pesquisa, e decidi utilizar a investigação narrativa, me preocupei com a questão de como ministrar uma formação a partir dos conceitos e métodos narrativos. Como citado, por Clandinin e Connelly (2011), esta formação não se baseia em questões estáticas, mas dinâmicas, de vida e para a vida de pessoas que estão em constante mudança e transformação. Criando e recriando identidades que se desenvolvem e se fecham a partir das interações sociais que experienciam. Dessa forma, decidi buscar a formação na abordagem (auto) biográfica maneiras de conduzir uma formação que prioriza as experiências e as histórias de vida. Segundo Couceiro (2002) “as histórias de vida influenciam a natureza da formação que se produz, introduzindo mesmo uma ruptura epistemológica no conceito de formação” (p.157). Porque quando temos a liberdade de contar nossas experiências o processo formativo se torna leve, prazeroso e amigável. Estamos narrando as nossas experiências de vida para nossos pares, estamos nos construindo em coletivo para a vida, agindo e reagindo a partir das interações humanas que vivenciamos.

Para Bragança (2011), “As interações humanas vão constituindo a cultura, e a educação consiste na apropriação/recriação desse conhecimento acumulado pela humanidade; nesse sentido, o processo educativo permeia toda a vida humana.” (p.158). Nesse sentido escutar as pessoas, ouvir suas vivências e experiências torna-se pertinente neste processo formativo, pois o objetivo é que todos/as possam aprender em coletivo, compartilhando suas histórias e aprendizados, compartilhando e produzindo conhecimentos de vida e para a vida.

“O conhecimento é, assim, uma possibilidade de libertação. A educação coloca-se, dessa forma, como prática social, tanto em sua vertente institucionalizada, como em sua vertente informal.” (Bragança, 2011, p. 158). Sendo a formação o processo que liga a experiência individual as experiências coletivas, proporcionando que o indivíduo possa se “transformar pelo conhecimento” (Bragança, 2011, p. 158).

Para, Aguirre & Porta, (2019),

el enfoque (auto) biográfico-narrativo se nos presentó como camino significativo en lo que respecta a la reconstrucción de experiencias y a la

interpretación de las mismas. Reconstruir, resignificar y cristalizar los sentidos que le atribuyen a dichas experiencias los propios protagonistas y reflexionar en consecuencia tiene una potencialidad metodológica y formativa que enriquece el abordaje de la investigación. (p. 177).

Através deste enriquecimento coletivo, que possibilita o pertencimento, significação e ressignificação de conceitos, modos de agir e atitudes que a formação preserva e respeita a individualidade de cada pessoa, respeitando as diferenças e apresentando novos olhares sobre novas perspectivas e conhecimentos produzidos, “En el relato hilvanado y subjetivante co-formado, los actores, van interpretando y resignificando sus propias experiencias en relación al objeto de estudio.” (Aguirre & Porta, p. 177), possibilitando que novas experiências e conhecimentos sejam produzidos e internalizados pelos sujeitos nesse processo de formação..

Segundo Aguirre & Porta (2019) “la pertinencia del enfoque no está dada solamente por la utilización de datos biográficos o personales de los entrevistados, sino por la propia narrativa que se va co-construyendo entre entrevistador y entrevistado.” (p. 177), produzindo, todos/as juntos/as materiais condizentes com as experiências compartilhadas, vividas e produzidas em conjunto a partir das vivências coletivas e individuais de cada um/a.

### **A tomada de decisão e a entrada no campo da pesquisa**

“A vida das pessoas e como elas são compostas e vividas é o que nos interessava observar, participar, pensar sobre, dizer e escrever sobre o fazer e o ir e vir de nossos colegas, seres humanos.”

(Clandinin e Connelly, 2011, p.22)

A partir da despedida da minha colega de trabalho/amiga neste meio físico, comecei a pensar que não sabemos quanto tempo temos, não sabemos como será o amanhã e nem se conseguiremos terminar o que começamos hoje, por isso, passei a me importar com a essência das coisas, com o barulho que a vida faz quando estamos em silêncio. Entendi que correr não significa crescer e que às vezes silenciar e pensar nos ajuda a olhar mais adiante e enxergar o que não conseguimos compreender quando estamos envolvidos no processo.

Assim, me distanciei das leituras que vinha realizando, e passei a ler textos que me tocam. Textos que atingem a minha alma e me levam a ressignificar minha existência nesse planeta. Alguns que eu já havia lido anteriormente mas que dessa vez reli com outro olhar, e enxerguei outros sentidos, outras formas de interpretar o escrito, com cosmologias e visões sobre a vida, o mundo e o universo, conseguindo desse modo reiniciar minha experiência como doutoranda.

Apreendi que às vezes é preciso reiniciar e olhar para dentro de si, é preciso parar, respirar e se enxergar, ver para além do olhar, se estamos agindo com o coração, com o que condiz com a nossa luta, nossa essência e com quem queremos ser. É possível ser o que se deseja? Pensando nisso, passei a me desprender do modo homogêneo de fazer pesquisa, deixei para trás alguns autores/as e me inclinei a escrever sobre a vida, as narrativas de vida, as histórias que nos constroem, os ensinamentos, os textos que falam de sentimentos e da vontade de fazer, criar algo diferente, uma formação focada no SER. Na pessoa que irá formar-se nesse Processo Formativo de Formação Pedagógica.



Usei as palavras formar-se, formativo e formação porque entendo que as três palavras compõem uma tríade inquietante, pois a formação a qual entendemos produz material de cunho formativo, o qual possibilita a pessoa formar-se. Porém, se este material não fizer sentido para a vida prática daquela pessoa, de nada adiantará aquele material. É preciso focar em uma formação construída através da experiência dos/as participantes, através da sua vontade e interesse em formar-se e a partir desse interesse construir materiais formativos que visem a formação qualificada, a formação embasada em experiências que façam sentido para as suas vidas.

De acordo com Ney e Dorneles (2024) “Neste sentido, as pesquisas narrativas, [...], contribuem para um novo olhar sobre as nossas investigações e os modos como compreendemos nossa (auto) formação”(p. 167). Assim, decidi não mais produzir uma formação pedagógica para os/as Bolsistas de Apoio e Acompanhamento Pedagógico de Estudantes Indígenas e Quilombolas- APEIQ ingressantes em 2025 e resolvi compor o corpus empírico desta pesquisa a partir de experiências narradas e histórias de vida de bolsistas e estudantes indígenas e quilombolas que atuaram no programa de apoio e acompanhamento pedagógico de estudantes indígenas, quilombolas e seus bolsistas.

Para isso, escolhi dois cursos dentro de um universo de doze cursos ofertados pela Universidade Federal do Rio Grande- FURG no Processo Seletivo Específico para estudantes Indígenas e Quilombolas. Nesse processo são disponibilizados dois editais, um para indígenas e outro para quilombolas, os quais, os cursos são escolhidos pelas comunidades tradicionais.

1. Cursos ofertados no ano de 2025 para ingresso pelo processo seletivo específico para estudantes quilombolas:

Direito	Letras Português- Inglês
Educação Física	Medicina
Enfermagem	Pedagogia
Farmácia	Psicologia
Gestão Ambiental	Química- Bacharelado

Tabela construída a partir do edital disponibilizado na página da COPERSE.FURG.

2. Cursos ofertados no ano de 2025 para ingresso pelo processo seletivo específico para estudantes indígenas:

Administração	Farmácia
Ciências Sociais	Gestão Ambiental
Direito	Medicina
Educação Física	Psicologia
Enfermagem	

Tabela construída a partir do edital disponibilizado na página da COPERSE.FURG.

Diante destes cursos, primeiramente surgiu a vontade de conversar com todos os/as estudantes ingressantes e seus bolsistas, porém, percebi que não haveria pernas para dar passos tão largos assim. Estava atrás do coração da pesquisa e por isso, se ater aos detalhes das narrativas era o meu maior objetivo. Mas como escolher apenas dois cursos? Essa não foi uma questão fácil, porém muito necessária, porque é muito importante dar limites ao objetivo, estipular recortes e se dedicar ao material coletado. Assim, o curso de Pedagogia foi eleito por representar a área da educação, e o curso de Medicina por compor a área das ciências. Escolhi estas duas áreas por achar pertinente que a Educação em Ciências seja representada através da Pedagogia e da Medicina, áreas que compõem e representam o campo do Programa de Pós Graduação em Educação em Ciências PPGEc da FURG.

Após o recorte, decidi que conversaria com um/uma ex bolsista de cada área e com um/uma médico/a indígena e uma pedagoga quilombola. O curso de pedagogia não foi solicitado pelas comunidades indígenas, por isso não possui estudantes matriculados/as. Já a comunidade quilombola solicitou o curso e estão matriculadas apenas mulheres quilombolas. Diante da decisão tomada, enviei os convites aos/as participantes e para a minha felicidade os/as primeiros/as convidados/as aceitaram participar da pesquisa. O recorte temporal foi traçado a partir do ano de 2017 ao ano de 2022 devido ao meu período de atuação na formação pedagógica desses/as profissionais.

Expliquei como se daria a pesquisa, a metodologia empregada e a ideia de ouvir suas histórias para a partir delas pensar a formação pedagógica dos/as bolsistas de apoio e acompanhamento pedagógico dos/as estudantes indígenas e quilombolas. Dessa forma os/as participantes foram convidados/as para participar de uma conversa que foi realizada de forma online pelo aplicativo (*meet*), sobre a formação pedagógica que haviam participado durante o período de graduação. Nessa primeira conversa, eles/as narraram suas experiências no programa e a inspiração que tiveram a partir dessas vivências para construir suas vidas práticas. Eles/as assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido e quando foi perguntado se eles/as gostariam de escolher um nome fictício para as suas narrativas neste trabalho, todos/as unanimemente solicitaram que seus nomes reais fossem citados, pois todos/as querem participar desta história.

Após a realização dessas conversas percebi que ter dado protagonismo a essas vozes me ajudou a encontrar o fenômeno, o coração propriamente dito da pesquisa que estou desenvolvendo. Foi incrível ouvir seus relatos e perceber que de alguma forma a formação pedagógica deixou um pedaço de todos/as em cada estudante que ali esteve, compartilhando experiências, e suas histórias de vida. Adianto que os relatos também dariam um lindo livro, ou um documentário, o qual cito como exemplo “Quando elas se movimentam” documentário produzido pela TV Senado que contou com a entrevista de uma das participantes da minha pesquisa. Saber da existência desse trabalho me deixou muito feliz, pois evidenciou o crescimento de uma das participantes em relação a sua vida prática. E mostrou que eles/as continuam em movimento.

Também ficou combinado que a conversa irá se repetir quando a escrita das narrativas for enviada para que eles/as possam ler e colaborar na escrita (suprimindo ou acrescentando algo que desejarem retirar ou colocar). Dessa forma, mudei a direção da metodologia pensada inicialmente e criei uma forma que fizesse sentido e desse cara e voz aos/as protagonistas da formação pedagógica de apoio e acompanhamento pedagógico dos/as bolsistas e os/as estudantes indígenas e quilombolas. Elaborei a

partir desse novo olhar para a pesquisa conexões de sentido, conversas, encontros. Narrei minhas experiências e enxerguei de fato os/as participantes, aprendi com eles/elas e sei que também deixei um pouco de mim em nossos encontros, onde compartilhamos modos de ser, pensar e agir. Decidi centrar nas histórias das pessoas, suas vivências, experiências e em tudo que eles/elas podem ensinar e o resultado foi maravilhoso.

### **Reflexões finais: o despertar da investigadora narrativa**

“A pesquisa narrativa começa, caracteristicamente, com a narrativa do pesquisador orientada autobiograficamente, associada ao *puzzle* (enigma) da pesquisa, denominado por alguns, como problema de pesquisa ou questão de pesquisa.”

(Clandinin e Connelly, 2011, p. 74)

Neste ínterim, também re- aprendo a utilizar um caderno de campo onde narro diariamente minhas experiências e sentimentos. Confesso que inicialmente senti o desejo de me narrar desde a infância, minhas vivências com a educação e com a vida pessoal que estava acontecendo, desde que conheci o conceito do modo tridimensional não paro de analisar o quanto o utilizamos no dia a dia. Mas fazer recortes é necessário, e nesses momentos de vontade de me narrar, eu escrevo, e deixo guardado, talvez um dia eu deseje contar, mas por agora ousei apenas narrar e documentar.

O caderno me incentiva a entrar em uma caixa que não costumava visitar por muitos anos. A minha caixa preta da infância que por vezes é capaz de me levar para lugares desconhecidos, os quais minha maturidade fez questão de me isolar, esquecer algumas passagens. Mas a escrita desses cadernos, me obrigou a escrever essas histórias e a colocar para fora todo e qualquer mal entendido. Me fez enxergar uma criança, que desde muito pequena já criava sonhos e idealizava a própria vida, quando estou com este caderno, me desloco por este espaço tridimensional e acesso a infância, a minha pesquisa, a vida adulta, os filhos, e tantas outras lembranças.

Estão todos eles ali, reunidos dentro daquele caderno de capa verde que ganhei do Grupo de Pesquisa Narrativa em 25 de maio de 2022. Um caderno que traz na capa a seguinte frase: “Um caderno para não nos calarmos sobre nós mesmas/os”. Um caderno que me possibilita narrar a minha história e juntar partes do quebra - cabeças de uma vida inteira. O caderno e a pesquisa em andamento seguem juntando lembranças, leituras, experiências e pedaços de uma vida, a qual uma pesquisadora narrativa desperta de um estado mental de enxergar o meio e passa a (enxergar- sentindo) este meio, objetivando interferir neste ambiente como o seu fazer acadêmico, e é por meio de leituras e experiências que me encontro com a pesquisa narrativa, com meu fenômeno desnudado e não mais idealizado, mas um fenômeno real, que me coloca para pensar sobre quem sou e o que quero/ devo ser e ensinar.

Esse processo metodológico de encontrar as peças que faltam dentro e fora de mim, me colocou para pensar sobre minhas experiências na escola, no trabalho, e no meu fazer diário. Me trouxe lembranças, cheiros, momentos, talvez arquivados na memória, mas esquecidos no dia a dia. Experimentei o processo trimendisional o qual menciona Clandinin e Connelly (2011), por vezes me perdendo nas lembranças da ida até a escola (na infância), até os momentos em que encontrava minha colega de trabalho na cadeira de Seminário em Educação em Ciências (no programa de pós-graduação), onde compartilhávamos um chimarrão enquanto assistíamos as apresentações dos/as colegas

de sala e também conversávamos sobre nossas pesquisas, nossos desejos e o quanto essa experiência era produtiva para o nosso trabalho e nossas vidas. Todas essas lembranças estavam ali, sentada na mesa da cozinha comigo e eu ia até elas e voltava para o caderno.

Senti vontade de narrar esse processo metodológico do meu despertar narrativo porque experienciei esta busca pelo sentido, a insegurança pelo certo e o errado, a necessidade de tirar a vida de caixas, e o processo de não mais negligenciar meus desejos e necessidades. Decidi me respeitar e produzir uma pesquisa que faça sentido para a vida, a minha vida e a vida de todos/as que estiverem vivenciando este processo formativo, o qual me enche de orgulho e faz meus olhos brilhar ao narrar sobre essa pesquisa. Penso que este é o caminho, o caminho do meio, o mais leve e contínuo possível. O caminho em que me respeito e digo: Agora vou fazer isso! Porque a partir das minhas vivências e experiências isso é o que me faz sentido/ me faz sentir que cresci e aprendi.

Neste texto tive a intenção de demonstrar como o processo de despertar para a pesquisa narrativa pode ser apavorante e ao mesmo tempo gratificante. Apavorante porque a Pesquisa Narrativa coloca por terra todos os conceitos aceitos e validados para construir uma estrutura formada por sentimentos, anseios e dedicação. Ela coloca a baixo a sensação de segurança e alicerça a dúvida, a curiosidade e a vontade de conhecer e descobrir mais sobre aquela pessoa, aquele tema. É gratificante no sentido de que produzir uma Pesquisa Narrativa não consiste apenas em quantificar respostas ou somar conceitos, mas sim, entender o que foi dito, experienciar o vivido e poder aprender com as experiências uns dos outros. Nesse contexto, não existe resposta quantificável, certa ou errada, existem apenas pessoas transformando as vidas umas das outras através das suas experiências. Confesso que essa é a parte em que mais me identifico com a Pesquisa Narrativa e a formação na abordagem (auto) biográfica. Pois me interesse pela vida das pessoas e seus interesse. Me interesse pelos sentidos e significados que as pessoas produzem, me interesse pelo SER na sua tamanha infinitude.

### **Referências bibliográficas**

- Aguirre, J. y Porta, L. (2019) “La formación docente con rostro humano. Tensiones y desafíos polifónicos desde una perspectiva biográfico-narrativa”, en Espacios en Blanco. Revista de Educación, núm. 29, vol. 1 – en./jun. 2019, pp. 161-181. Universidad Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires, Tandil, Argentina.
- Bragança, Inês Ferreira de Souza. Sobre o conceito de formação na abordagem (auto)biográfica. Educação, Porto Alegre, v 34, n2, p 157-164, maio/ago. 2011.
- Clandinin, D. Jean; Connelly, F. Michael. Pesquisa narrativa: experiências e histórias na pesquisa qualitativa. Uberlândia : EDUFU, 2011.
- Clandinin, D. Jean; Connelly, F. Michael. Pesquisa Narrativa – Experiência e História em Pesquisa Qualitativa. Tradução ILEEL/EFUU. Uberlândia: EDUFU. 2015
- Couceiro, Maria do Loreto Paiva. O porquê e o para quê do uso das histórias de vida. In MALPIQUE, Manuela. Histórias de Vida. Porto: Campo das Letras, 2002. p.155-160.
- Godoy, Rossana; Ribeiro, Tiago. Chuva de estrelas: entre metáforas e narrativas para sentir/ pensar caminhos investigativos desde nossas ancestralidades. Educação Unisinos. v.25, 2021.
- Hall, Stuart, 1932-2014. A identidade cultural na pós- modernidade. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.
- Quando elas se movimentam. Susana Lira. Documentário exibido pela TV Senado em 08/03/2025.



Ribeiro, Tiago. Por uma alfabetização sem cartilha: narrativas e experiências compartilhadas no Fórum de Alfabetização, Leitura e Escrita da UNIRIO. Rio de Janeiro, 2019.

Ney, Lilian da Silva; Dorneles, Aline Machado. Narrativas para além da palavra. Revista Momento-diálogos em educação, v. 33, n.3, p. 163-183,set./dez.,2024.

## Notas

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós- Graduação em Educação em Ciências- PPGEC da Universidade Federal do Rio Grande FURG. Técnica Administrativa em Assuntos Educacionais da Universidade Federal do Rio Grande- FURG, atuando como Pedagoga Educacional na Pró- reitoria de Assuntos Estudantis- PRAE/FURG. Integrante do Grupo de Pesquisa Tramas Narrativas na Educação. Possui Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande- FURG, graduação em Pedagogia pela Universidade Paulista UNIP e História licenciatura pela Universidade Federal do Rio Grande- FURG. E-mail: [keliavila@furg.br](mailto:keliavila@furg.br).

<sup>2</sup> Professora Adjunta da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Pós-doutora em Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires. Doutora em Educação em Ciências. Professora do Programa de Investigação Narrativa e (Auto) biográfica do Doutorado em Educação da Universidade de Rosario (UNR), Argentina. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências – PPGEC. Líder do Grupo de Pesquisa - Tramas Narrativas na Educação. 3. Pesquisa aprovada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, através da Chamada CNPq Nº 26/2021–Apoio à Pesquisa Científica, Tecnológica e de Inovação: Bolsas no Exterior, que visa fortalecer o processo de consolidação de redes na internacionalização das pesquisas e intervenções em Educação. Email: [lidorneles26@gmail.com](mailto:lidorneles26@gmail.com).

<sup>3</sup> Mestrado em Educação pelo Programa de Pós- Graduação em Educação PPGEdu da Universidade Federal do Rio Grande- FURG. Título da dissertação “A cultura como pedagogia: uma análise das representações sobre o universo infantil nas tirinhas de histórias em quadrinhos da turma do Snoopy. (2017).” A pesquisa foi construída e fundamentada a partir da abordagem teórico-metodológica dos Estudos Culturais e os conceitos utilizados foram: Representação, Identidade, Cultura, Poder e Governo.